

POVO ALGARVIO

SEMANARIO REGIONALISTA

(AVENÇA)

Não se devolvem originais quer sejam ou não publicados

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telef. 127

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETARIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

ASSINATURAS
Série de 10 números—No concelho de Tavira . 8\$00
» 10 » —Para outras localidades . 9\$90
Composição e Impressão
Tipografia «POVO ALGARVIO»—Tavira

O Porto de Mormugão

é hoje explorado inteiramente por nós

A POUCO e pouco, mercê de uma Política nova que saneou as nossas Finanças, vamos-nos despegando de concessões dadas a Companhias estrangeiras que, além de onerações, nos levavam rendimentos de riqueza muito nossa. O Porto de Mormugão estava nesses casos, por contrato de concessão para o construir e explorar a linha férrea que o ligava à Índia Inglesa. Foi essa concessão dada em 1881 e para durar 99 anos. A obra era importante e só em 1888 se deram por terminadas, sendo o seu custo contratualmente fixado num milhão e trezentas e cinco mil libras.

por A. Pinto Machado

A obra era importante mas pesado o nosso encargo, pois tínhamos que garantir 5% ao capital da Companhia Inglesa, que era de oitocentas mil libras, e 6% ao capital adicional de que viesse a carecer-se para executar quaisquer obras de estabelecimento ou ampliação.

O sr. Ministro do Ultramar veio trazer-nos a boa notícia que o contracto foi denunciado, passando assim o porto a ser inteiramente explorado por nós.

Portugal, no seu Império, continua a firmar bem os seus passos.

O custo do dispêndio não nos embraça a vida administrativa dessa tão querida e cara Província Ultramarina.

Todos os problemas da Índia se ligam mais, se possível, ao Amor que temos a esse torrão onde arde, bem acesa, a fogueira da nossa História, dilatando a Fé e o Império.

Os sacrifícios não se medem quando há que guardar esse povo português que ilumina o oriente com o facho da nossa civilização.

Ao lado da Índia, vastíssima mas pobre, nós queremos a nossa Província mais enriquecida e mais inteiramente nossa em todos os sentidos.

O problema que nos mantém em guarda contra as ambições indús já nos levou a um acordo para resolver as ligações ferroviárias com o território visinho. Fez-se esse acordo de 1956, negociando-se de modo a assegurar as relações com os caminhos de ferro que continuam, as vantagens negociadas então, o que permite se enfrente com segurança a exploração desse caminho de ferro.

Continua na 2.ª página



Um deslumbrante cenário de amendoeiras em flor numa propriedade dos arredores de Tavira. Centenas de árvores em plena floração, num destes dias de sol radioso e belo tão vulgares no Algarve, dão-nos a nítida sensação da Primavera em pleno Inverno. Eis o grande cartaz turístico do Algarve.

Monumento ao Poeta

Isidoro Pires

Subscrição

Transporte	18.157\$00
D. Maria Isabel Ribeiro Larcher-Tavira	50\$00
Dr. Armando Casstano-Faro	50\$00
Prof. José António Pinheiro Rosa-Lagos	20\$00
Daniel Carlos Flor da Rosa-Açores	20\$00
Celestino dos S. Amaro Junior-Lisboa	20\$00
Joaquim do Nascimento Evangelista-Luz	10\$00
Filipe José da Cruz Amaro Gonçalves	20\$00
A transportar	18.347\$00

A 1.ª Reunião da Imprensa Regional

do Centro e Sul de Portugal

COM extraordinário interesse e com a participação de 84 delegados de jornais do centro e sul de Portugal, efectuou-se nos passados dias 26, 27 e 28 de Janeiro, em Lisboa, por iniciativa do Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo, a 1.ª reunião da Imprensa Regional,

Este número foi visado pela Delegação de Censura

ESTAMPAS

O hotel que fala da sua própria época

— o arranha-céus moderno

O Passado e o Presente Nada como no grande burgo carioca existe, numa comovente adoração de várias gerações, num golpe mágico de surpresa do que o Grande Hotel Moderno. Ainda que lhe mudassem o nome, nada, mesmo nada, nos daria a fé de baptismo da grande cidade fundada por Mem de Sá ante os olhos atónitos do almirante francês Villegainhon, do que essa cidade assim brotada, ao sabor de um improviso tipicamente lisboeta e, ainda por cima carioca. O Brasil é suficientemente grande para abrigar, ao mesmo tempo, diversas raças e línguas, diversas estirpes de nacionalidades e de rosários de cidades, congregando-as todas ao longo do seu imenso litoral e do seu volumoso interior, como se nada fizesse, como se tudo fosse o passeio de uma pequena, invisível formiga na pele violácea, apenas riscada, de um negro elefante.

por Consiglieri Sá Pereira

Se o bretão não conseguiu arraigar-se, embora protegido por forte esquadra, na enorme baía de São Sebastião do Rio de Janeiro, de espantar que o lusitano, acompanhado de um exército miniatura o tenha feito e conseguido deitar as raízes do que hoje existe e é já velho ante a História e ante os homens. Mem de Sá, terceiro governador do Brasil, com um exército de 120 portugueses e 140 índios auxiliares, partiu de São Paulo para fundar o Rio de Janeiro, empresa que os próprios franceses de Villegainhon haviam acometido com receio, embora dispuzessem de muito maior número de auxiliares entre os índios tamayos, que viviam nas margens do que, durante muito tempo, se julgou rio e não simples acidente geográfico.

bairrista os interesses regionais. E foram, sobretudo, estes dois aspectos que o Secretário Nacional de Informação, sr. Dr. César Moreira Baptista, pôs em relevo ao abrir a primeira sessão de trabalhos, salientando, ainda, nas suas palavras de saudação, a necessidade desses problemas serem discutidos livremente pelos presentes, que iriam propor, depois de larga troca de impressões, as soluções que lhes parecessem pertinentes. O único limite que teriam de ter em consideração era o próprio limite das possibilidades do Secretariado.

Não quis o sr. Presidente do Conselho deixar também de saudar a Imprensa Regional, verdadeira escola de jornalismo, que vive e luta pelo bem do País graças à dedicação entusiástica dos seus dirigentes e colaboradores, incansáveis e desinteressados obreiros, que bem merecem o reconhecimento da Nação. Por tal motivo, o Ministro da Presidência, sr. Dr. Pedro Theotónio Pereira, recebeu no Palácio de S. Bento todos os delegados que, sensibilizados e reconhecidos lhe

Continua na 3.ª página

Vários Haussemanes

Podem coligar-se por várias gerações, por diversos grupos de governantes ligados entre si por comum aspiração, os portugueses o que, enfim, acabaram por imitar o célebre prefeito de Paris sob o segundo império, o homem que celebriu e fez ultrapassar o seu modesto nome de barão e alsaciano — o barão de Haussemane. Com ele, entrou o Rio na categoria das cidades irrecusavelmente célebres como Paris o é hoje, depois de o ter sido na mitologia. Porque o Rio de Janeiro tem sabido renovar-se e, das suas cinzas ardentes, brotam, com pujança indesmentível, a cidade se-

Continua na 2.ª página

O Carnaval no Algarve

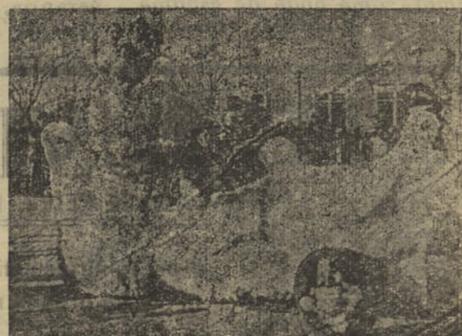
Batalhas de Flores em Loulé, Moncarapacho e S. Bartolomeu de Messines

DURANTE os três dias de Carnaval o Algarve estará em festa com os seus belos festejos em Loulé, Moncarapacho e S. Bartolomeu de Messines.

Os turistas que nos visitam nesta quadra de folgado encontram diversões por toda a parte.

Loulé será, sem dúvida, a grande sala de visitas durante o Carnaval.

Centenas de excursões são aguardadas nesta província de chaminés rendidas.



Um lindo carro carnavalesco

famoso, anunciado nesse programa, desvenda-se à curiosidade. Vem a rir. Olhos azuis, recortados do mar; alma de sol, resplandecente como um mosaico de ciro; coração de poeta — eis os traços fisionómicos desse Cezar extraordinário, desse pintor estranho, impressionista, luminoso, de azuis e lumes invulgares. Olho a sua exposição imensa. Todos os quadros expostos são seus — gloriosamente seus.

com o objectivo de tratar dos problemas mais instantes destes órgãos de expansão local. Não pode, a bem da verdade, deixar-se de salientar a justiça que, deste modo, foi feita a um sector da informação que tantos e valiosos serviços presta ao País, quer dando a conhecer aos leitores do seu meio os grandes acontecimentos da vida nacional, quer defendendo com objectividade e sentido

Continua na 2.ª página

QUADRO ALGARVIO

Continuação da 1.ª página

Primavera em pleno Inverno — eis o tema do seu exposi-tório...

As amendoeiras no seu mi-lagre de «Branca de neve»... polvilham os múltiplos verdes da paisagem, tal como o tempo ao envelhecer um destino...

A neve em flor continua a cair — em nevão espesso — em apoteose sobre a Natureza, sem contudo gelar os corações, pois não há frio nessa poesia, nem sulcos de pés doridos de criança — como diria Augusto Gil.

Aqui e além há trechos que lembram montras de floristas, vistas através do visor da mi-nha janela, decoradas por mãos de fadas, descidas da fantasia dos poetas pela mão do artista. Outras lembram mantos de ar-minho, mantos de rainhas de lenda, que piedosos vêm cobrir os campos, suspensos das has-tes do arvoredo.

No «referendo» deste Janei-ro, a maioria — não esmagado-ra mas ténue — das amendoei-ras recorda um sonho de neve à beira mar — um sonho de velas brancas e róseas, sonhan-do mundos para além do mundo.

Nos múltiplos aspectos as árvores desenham com seus troncos anatomias que nos fa-lam de estados de alma, desde aquela amendoeira vestida de branco, rastejante, quase «pro-messa», de Malhoa, numa pa-lidez doentia, aos bojos cor de rosa muito airosos de tufados de «Meninas», de Velasquez.

Aqui e além a paisagem sem-pre apressada, riscando-se na vidraça, descansa da orgia flori-da, embecendo-se em verdes claros e melancólicos, para vol-tar de novo a declamar Garret, nos versos brancos, em «Ca-mões», que o Algarve declama magistralmente.

É a procissão estende-se in-finita, num «Corpos Cristis», serena, irreprensível, fazendo desfilar «Os Pequenos Cantores», de Cuca della Robbia «A Idade Inocente», de Reynolds e «As Meninas» de Velasquez, rumo ao mar, rumo a Deus, como via cristã, pelos vastos caminhos que vão dar a Roma.

Seguem-se-lhe os verdes fortes e melancólicos, mais pesa-dos e tristes pelo contraste do branco e róseo em festa — em comunhão — como figuras de monges soleníssimas, como «Mulheres Espanholas», de Goya, pesadas de Semana Santa.

A procissão caminha... Aqui e ali algumas amendoeiras retardárias, nos seus «toilettes» das hortas, retocam-se, ainda, remirando-se nos espelhos românticos dos tanques, fugidas a curiosidade solar entre biombos de sombras de arvoredo e outras, em cenas de Watteau, autênticas, sobre tapetes de verde, vicejante, ensaiam um minuetto gracioso, dando as mãos das ramadas, numa gra-ça helênica.

Tavira surge-nos enfarinha-da como um «bal-de-têtes», ressurgida de uma noite de carnaval, polpas róseas, om-bros de braços nós, como nas pinturas de Hamilton. A mul-tidão das suas amendoeiras lembra uma onda de espuma do mar — Walckiria espavori-

da do ritmo — que galgou a terra evadindo-se do oceano, cansada de ser fúria para se converter em poesia.

Outras muito esguias, lem-bram Massines, Pavlowas ro-dando, rodando na espiral da sua vertigem pela «Morte do Cisne».

Conceição. O friso de amen-doeiras prossegue com algumas junto ao Almagem, arregan-çando os seus vestidos de es-tampado, a pretender atravessar a ribeira, de pés ao léu. Outras ainda, menos espessas na floração, são como Manons, como Gautiers, decotadas até à alma deixando ver a alma e os pés gentins vestidos de «nylons» indiscretos.

No seu despeito visível, as alfarrobeiras robustas, obessas, vestem dum verde zaragoçano, melancólico que o contra-luz enegrece mais ainda e apenas os figueiras esqueléticos, cin-zentos, na visão da distância, trajam dum cinza que é par-da sem ser flor, fria de inver-no e de morte.

As estradas esquecem o ne-gro da sua lutuosa de asfalto emparedadas por muros caia-dos, alvinitentes, onde a mocidade das amendoeiras se vem debruçar nos seus vestidos de tobracos e valonas, como um friso de «girls» no coro da abertura do ano — em reprise eterna.

Nova revoada de amendoei-ras esvoaça na hora da paisa-gem vindo misturar-se ao sol-nho da manhã. E o sol sobe mais, vai trepando pela escada luminosa como arrojado artista de circo até ao trapézio do zenith, enamorado de tanta be-leza lá do infinito do «chapi-ton» celeste...

Vem agora Cacula, o fim da apoteose. A paisagem transfi-gura-se. Começam a avultar ao fundo a cinza e o roxo dorido dum horizonte duro — já alen-tejano — e toda a graça se es-bate. Watteau torna-se Fournier, desenhado em crayon es-pesso como campo vazio em fim de debacle.

As amendoeiras descem ain-da em cortejo rumo ao mar, mas mais diluídas no aqui e além duma poesia vaga. Castro Marim na escala dos seus ta-petes-prados deixa contar pe-los dedos as amendoeiras por hectare. Taipa crua, rocha, ver-des frios e cinza são agora a alma da terra que canta...

Continua a debandada. As derradeiras amendoeiras à imá-gem dos últimos românticos descem, descem à margem do Guadiana. São o ponto final dum Algarve que apeetece re-capitular, retrocedendo.

As orlas da mata de Monte Gordo, muito espessas e som-brias, caem sobre o horizonte fechando a vista para o mar... São como... um pano de boca caído sobre um acto de Vila-ret...

Faro, 2-2-1959

Revista de Turismo

Vai reaparecer, sob a inteli-gente direcção do jornalista sr. Quaresma Gomes, cujo espí-rito dinâmico e empreendedor e, para todos, uma consoladora garantia, a interessante «Re-vista de Turismo».

O Porto de Mormugão

Continuação da 1.ª página

O porto de Mormugão não perdeu, antes aumentou seu movimento, com a evolução da nossa política na Índia.

Para esta província temos nós levado, com todo o nosso Amor Lusitana, tudo o que é capaz de dar uma Nação velha de tantos séculos e sempre exemplar na sua colonização.

E com esse apego tão vivo, poderosamente se tem lá desenvolvido a vida da província, tal como cá a vida nacional.

Podemos assim enfrentar bem de cara os encargos a que a denúncia do contracto de 1881 nos forçará, pois como contra-partida nos desobrigamos das garantias de juro que havíamos assumido e mais desenvolveremos o tráfego fer-roviário, acrescido pelo ex-traordinário, aumento da vida portuária de Mormugão.

Consola-nos este passo gran-de da nossa política ultrama-rina: e, sobretudo, por a Índia tão distante estar cada vez mais perto do nosso coração.

Na análise da política In-ternacional estes passos têm uma importância tão grande que mal a medimos nós, os que passemos vendo tantas vezes só aquilo que se passa ao nosso redor.

Um Guarda Redes Taurinense

no Lusitano Futebol Clube

EM virtude da nova lei não permitir os clubes concorrentes a provas oficiais fazer alinhar, a partir de 1 de Janeiro, jogadores que não tenham como habilitações mínimas o exame de 2.º grau, alguns clubes algarvios viram-se assim privados de vários elementos, tendo que procurar outros para completarem os seus quadros previamente desfalcados.

Entre os inúmeros clubes nestas condições, encontra-se o Lusitano de Vila Real de Santo António, grupo de gran-des tradições no futebol portu-guês, cujos dois guarda-redes que conta não têm as habilitações exigidas.

Assim os dirigentes vilarealenses desviaram as suas aten-ções para a nossa cidade, na esperança de encontrarem entre o que se chama «a parvalheira do futebol taurinense», um elemento que lhes pudesse resolver a aflitiva situação.

Felizmente ele apareceu e o Lusitano com o seu novo elemento foi arrancar a Silves a sua primeira vitória.

Se dissermos que o novo re-forço daquele clube, que se trata do conhecido e entusiás-tico desportista taurinense Américo Paulino Domingos, ainda que jogue futebol há alguns anos, alinhou pela primeira vez no posto de guarda redes, dar-nos-á a impressão que o futebol taurinense poderia ser, se muitos quisessem, uma realidade.

Como ele, outros valores incultos abundam na nossa cidade, especialmente na classe juvenil onde existem elementos que se poderiam revelar, se fossem devidamente orientados.

Receptores de T. S. F.

Técnico competente executa toda a espécie de concertos. Nesta Redacção se informa.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

RADIODIAGNOSTICO-FOMOGRAFIA—TRATAMENTOS ELÉCTRICOS—ONDAS CURTAS—ULTRA—SONS Clática, lumbago, artrose de-formante, nevralgias, etc.

CONSULTÓRIOS FARO—PORTIMÃO tefs. 368

ESTAMPAS

O hotel que fala da sua própria época

— o arranha-céus moderno

Continuação da 1.ª página

de de outras mil e uma cida-des capitais, todas capitais como a do Rio — por direito próprio, irrecusável benefício, indesmentível brio e satisfa-ção permanente e constante preito prestado e jurado ao hotel de onde brotou e de que continua a ser a sede e a razão de ser. Temos, assim, para base do nosso grande nome, o grande hotel moderno, glória lusitana erguida em torres bra-sileiras e, agora mesmo, em vésperas de deixar o litoral para se internar nas terras e águas litorais de Cuyabá, no grande estado mineiro de mi-nas gerais, ainda existente sobre o futuro que aí, no planalto sonhado para sua plena expansão e comodidade, possa ter e conseguir. Nenhuma outra terra, a não ser S. Paulo, a sertaneja e linda cidade do Arcebispo se pode tão bem dotada para tudo!

Ergue-se um Palácio!

Lá mais longe, por entre as matas escuras dos seus cafezais ainda por florir, ergue-se, numa Primavera eterna, São Paulo, e, só aí, os três milhões de habitantes já foram, este ano, ultrapassados. Ainda que favorecida por outro conjunto excepcional de circunstâncias, desde a riqueza à mão de obra, qualificada e rica da Itália artística, há ainda, a considerar, as iniciativas locais, o espírito de iniciativa que, depois de São Paulo, per-tence ao Rio de Janeiro. A uns seiscentos e pouco mais quilómetros do império cen-tral do Café, em toda a vasta zona dominada pela planta do cacau, existe, pois, um grande centro urbano que, sem pedir licença a ninguém, cresce com o ritmo de uma fábrica e mar-cha com a velocidade de uma moderníssima aeronave. São Paulo é muito e o Rio de Janeiro será, ainda, mais. Brasília, o nome o diz, tem sangue de sertanejos, sangue de fundadores de impérios, nas veias, e é, sendo já, a flor do Goyaz, o esplendor privilegiado do que ali se pode fazer, dentro de uma regra e medida que não deve ser ultrapassada. Sonho feito realidade de José Bonifácio da Silva, o grande arcebis-po e estadista previdente que adivinhou o que o Brasil havia de ser, de pequenino que era, reservando-lhe a grande assentadeira de cidade privile-giada de todos nós e nosso em-pório de especiarias. Das gra-ças do infante, falam os donai-res e esplendores do adolescen-te que hoje é e das suas mil

apitdões o sangue bem conser-vado dos tropeiros sertanejos o valor indómito desse cruza-mento incontível de europeus bem americanizados — todo esse ruído das nações de prol e em prol das quais se erguem os arranha-céus de Manhattan.

Um gigante de trinta e quatro andares

No centro do Rio de Janeiro ergue-se o novo, o glorioso, o enorme e interminável Grande Hotel Moderno. Gente desem-poeirada, o carioca de hoje, fruto de mil cruzamentos, flor de tudo o que de superior o Brasil pode produ-zir no correr destes cento e cinquenta anos de vida inde-pendente, é ainda o mesmo que, no punhado de gentes que rodeavam o grande e inolvi-dável Mem de Sá, souberam assegurar para o Brasil e em nome da civilização grandiosa e rica que brotava de todos os seus recantos ricos e seivosos, esse vasto jardim de oito a nove milhões de quilómetros quadrados, dando-lhe tudo e ampliando a que já tinha, para tornar ampla e próspera a formidável seiva latente e es-tudante que, hoje, é flor de atletas e nobre escudo de que nos orgulhamos e fazemos fé neste alvorçar de paternidade em que, sem nos impormos demasiado, também desejamos ter a nossa parte, o nosso quinhão e a nossa multiplicadora benção.

Serenos, conscientes e com-petentes, eis o que somos, raça de gente trabalhadora, sim, cheios de primazias e de certo arreganho omnipotente, defei-tos de quem sabe mandar e, também, obedecer, incapazes, porém, de manchar a palavra dada ou de misturar a sombra de um engano com o dissímulo de uma facécia.

SEMENTES

Para horta, jardins e pastos. Acabam de chegar as últimas novidades para semear nesta época. Lindas flores.

CARNAVAL

Serpentinas, Confetti, Máscaras, Surpresas. O maior sortido.

AGENDAS para 1959

De escritório, de algibeira, folhinhas de Marés, Alman-aques, Calendários, encontra sempre na

Livraria CASA BRASIL

Manuel Alexandre

Rua da LIBERDADE—TAVIRA

J. A. PACHECO

TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECÂNICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13



Permanente a Frio

JUSTINA

CABELEIREIRA DE SENHORAS

Apresenta as últimas novidades a preços módicos.

R. Dr. Miguel Bombarda, 31-TAVIRA

A 1.ª Reunião da Imprensa Regional do Centro e Sul de Portugal

Continuação da 1.ª página

afirmaram através de um seu representante, o sr. Dr. Ulisses Pardal, — do jornal «Reconquista», de Castejo Branco — o seu rego-ijo pela feliz iniciativa do Sr. Secretário Nacional da Informação, pedindo-lhe que transmitisse, ao sr. Presidente do Conselho as respeitadas homenagens e cumprimentos da Imprensa Regional, que se sentia honrada com tão cativante recepção por parte de quem tão dignamente o representava.

Neste mesmo dia à noite o sr. Secretário Nacional de Informação ofereceu na «Casa do Leão», no Castelo de S. Jorge, um banquete aos jornalistas participantes na reunião, ao qual assistiram directores e outros representantes da Imprensa diária. Foram então lidas pelo rev. Cônego Dr. Galamba de Oliveira as conclusões da 1.ª Reunião da Imprensa Regional, as quais visam, principalmente, a obtenção de regalias para os jornalistas dos órgãos de expansão local, a elaboração de um Estatuto desta Imprensa, a instituição de prémios periódicos pelo S.N.I., a revisão da Lei da Imprensa, redução de encargos fiscais e de taxas postais, a cedência de gravuras e fotografias pelo S.N.I. e outras condições que contribuem para facilitar a sua missão.

O sr. Secretário Nacional de Informação proferiu seguidamente um discurso em que definiu as características da Imprensa portuguesa, dizendo que na reunião que acabava de efectuar-se havia verificado o desejo, a aspiração de que a imprensa regionalista se organize.

Pedi-se o estabelecimento, para a Imprensa da província, de prémios equivalentes aos da Sala da Imprensa e que se destinam, estes, aos jornalistas que trabalham nos jornais diários. Pensa-se que será possível criá-los — e distribuí-los, por exemplo, de três em três

ou de quatro em quatro meses Prémios que poderiam talvez consistir em estâgios dos premiados nas redacções dos grandes jornais, que decerto cooperariam de boa vontade com o S.N.I. nesse esforço de dar aos mais bem dotados dos jornalistas da Imprensa regional uma experiência técnica que, evidentemente, ainda nem todos podem possuir.

Pedi-se também que se criassem prémios anuais para o jornal de província mais bem colaborado; para o que tivesse demonstrado ao longo do ano maior espírito de iniciativa — e, ainda, para o mais bem apresentado, sob o ponto de vista gráfico. E sugeriu-se que o prémio fosse uma viagem a uma ou alguma das nossas províncias ultramarinas: «queremos conhecer de perto os problemas do nosso ultramar» — afirmou, e muito bem, um dos jornalistas presentes.

Pois levaremos com todo o gosto esta aspiração até quem possa cooperar connosco para a tornar, de qualquer modo, realidade.

Alguns dos votos formulados por V. Ex.ª excedem, porém, o nosso âmbito de competência. A esses, levá-los-emos, evidentemente, até o Governo, para que — ao estudar no seu conjunto os problemas a que respeitamos — os considere, também.

O sr. Dr. Moreira Baptista referiu-se seguidamente às próximas reuniões da Imprensa regional do Norte e da Imprensa das Ilhas Adjacentes, após as quais se anunciarão as decisões finais, definitivas. E acentuou: «Para já, algo, no entanto vai fazer-se e sinceramente espero que daqui a poucos meses todos quantos me escutam possam pensar que sempre valeu a pena virem até Lisboa para esta reunião».

O «Povo Algarvio» vende-se em Lisboa, no Parque Mayer, na Tabacaria Jaime da Silva.

Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Regina Pires Brás, menina Maria Aurea Venâncio Lopes e o sr. Padre João Martiniano Correia Matos.

Em 9 — D. Alice Ferreira da Silva Matos, menino Manuel Mário da Cruz Calço e o sr. Otilio dos Santos Gonçalves.

Em 10 — D. Maria Bernardina de Jesus Guerra, menina Maria da Graça Horta Cardoso, menina Maria José Fernandes Simão, menino Juviano Escolástico Gaspar Bacalhau e os srs. Dr. Joaquim Fernandes Lisboa e Joaquim Pires Cruz.

Em 11 — Menina Maria de Lurdes Campina Guerreiro e os srs. José Lázaro Pereira, Jaime Ildefonso Mascarenhas e Manuel Guerreiro.

Em 12 — D. Isabel Maria Pires Jara, menina Maria de Lurdes Correia, menina Eulália Pialho de Mendonça, D. Rita Eulália Baptista e os srs. António Elísio Nobre Lopes, Manuel Esteves e Luís Custódio Figueiredo Raimundo.

Em 13 — D. Maria Catarina Terramoto, D. Rita Augusta Guerreiro Trindade Madeira Gomes e os srs. Manuel Maria Isidoro Costa e os srs. Augusto Xavier da Silva Melo e Sabo, António Gregório dos Reis Silva, Custódio de Jesus Pinto e Joaquim da Costa Lopes.

Em 14 — D. Brites Baptista Falcão Santos, D. Lucília Soares Mansinho Soares, D. Maria Valentina Pires Fernandes, D. Maria Idalinda da Encarnação Gonçalo, D. Maria de Lurdes Horta Franco, D. Miquelina do Livramento Maco e os srs. António Ramos Dias, Valentim Lopes, António Cavaco, João Elísário Mateus Piloto.

Nascimento

Na maternidade do hospital de Faro, teve o seu bom sucesso dando à luz uma criança do sexo feminino, no passado dia 2 do corrente, a sr.ª D. Maria Cândida Lindo dos Santos, esposa do sr. Dr. Martiniano Pereira dos Santos, médico nesta cidade.

— Teve a sua «delivrance», numa Casa de Saúde em Faro, dando à luz uma robusta criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria José Freitas Soares de Almeida Pires, esposa do sr. Capitão Júlio de Almeida Pires, em serviço no CISM, e filha do nosso velho velho e prezado amigo e assinante sr. Custódio Fonseca Soares.

Aos pais desejamos muitas felicidades.

Necrologia

Faleceu há dias em Lisboa, onde residia, a sr.ª D. Maria Luísa Marques de Azevedo, de 94 anos de idade, natural de Tavira, viúva do juiz-Conselheiro sr. Dr. Mateus Teixeira de Azevedo.

Era mãe das sr.ªs D. Maria Isabel Teixeira de Azevedo Pinto Ri

Associação de Socorros Mútuos

Protectora dos Artistas de Faro

Desta prestimosa instituição, fundada em 1856, recebemos um amável officio da Direcção agora eleita comunicando-nos que na sua primeira reunião deliberou saudar a Imprensa Regional e agradecer o carinho e o relevo que sempre tem dado a todas as actividades daquela secular instituição.

Pela nossa parte agradecemos a gentileza e afirmamos que pode continuar a contar com a nossa melhor colaboração.

Despedida

Maria da Luz Abreu Ova, tendo de aproveitar a passagem no paquete «Moçambique» e não tendo tempo de se despedir pessoalmente de todas as pessoas amigas, fá-lo por este meio, agradecendo a todas a gentileza da sua visita. Pede, portanto, que lhe perdoem a sua falta e a todas oferece a sua casa em Benguela — Angola — Caixa Postal, n.º 65.

Calendário

Da Legião Portuguesa — Defesa Civil do Território — recebemos a gentil oferta de um calendário para 1959.

Os nossos agradecimentos.

Criada de Cozinha

Que queira ir para Lisboa, precisa-se.

Tratar na Rua Dr. Miguel Bombarda, 49 — Tavira.

beiro) e D. Maria Luísa Teixeira de Azevedo e dos srs. Dr. José Francisco Teixeira de Azevedo, prof. e advogado em Lisboa, Dr. Alfredo Teixeira de Azevedo, Conservador do Registo Civil na capital e Dr. Fernando Teixeira de Azevedo, gerente do Banco Nacional Ultramarino em Faro e da sr.ª D. Helena Teixeira de Azevedo e sr. Mateus Teixeira de Azevedo (já falecidos) e sogra das sr.ªs D. Maria Cristina Servert Teixeira de Azevedo, D. Ilda Casado Teixeira de Azevedo, D. Júlia Trindade Teixeira de Azevedo, D. Maria Júlia Pádua Cruz Teixeira de Azevedo e do juiz-desembargador sr. Dr. José Maria Magalhães Pinto Ribeiro.

Os restos mortais da bondosa senhora foram transportados em auto-fúnebre da sua residência na Avenida Almirante Reis, para o jazigo de família no cemitério desta cidade.

— No passado dia 27 de Janeiro, faleceu nesta cidade o sr. António Jerónimo, proprietário, de 79 anos de idade, natural da Conceição de Tavira.

O falecido era pai das sr.ªs D. Lucília Judite Fernandes, D. Alzira da Encarnação Fernandes e dos srs. Manuel da Conceição Firmino e José da Silva Vidal.

— No dia 2 do corrente, faleceu na Luz de Tavira de onde era natural, a sr.ª D. Maria José Viegas, viúva, de 79 anos de idade.

Era mãe das sr.ªs D. Estefânia do Carmo Fernandes, D. Maria José Viegas, D. Guilhermina do Carmo Fernandes, do sr. José Albino e sogra dos srs. Filipe José da Cruz e António Viegas.

— Em Vila Real de Santo António, faleceu o sr. Joaquim dos Santos, de 68 anos de idade, natural de Tavira.

O falecido deixa viúva a sr.ª D. Adelina Nunes da Glória e era pai da sr.ª D. Maria das Dores Nunes dos Santos e do sr. Mário Nunes dos Santos.

As famílias enlutadas endereçamos sentidos pêsames.

Dos Livros...

A Vida de Dostoevski

A literatura russa é uma literatura de gigantes. Gigantes Turgueviev, Gogol e Tchekov; gigantes Puskins, Tolstoi e Gorki; gigante, e para alguns o maior de todos, Dostoevski. Pelo menos, pode-se afirmar que, nunca antes ou depois dele, se desceu tão fundo nos subterrâneos da alma humana. Nunca olhar mais agudo devassou o labirinto complexo e contraditório a que se dá o nome de homem. Porque também nunca romancista algum escreveu a sua obra com o próprio sangue como Dostoevski, Fédor Mikailovich Dostoevski.

Não há nos milhares de páginas dos romances do autor de «Os Irmãos Karamazov» nenhuma personagem de quem se possa dizer, com verdade, que é o retrato psicológico do grande escritor, mas também não há uma só em cuja composição não tivesse entrado alguma coisa da espantosa personalidade do seu criador. Por isso a leitura dos livros de Dostoevski esmaga e confunde como a do mais sincero diário, como a mais humilde confissão.

Escrever a biografia de um homem assim, traçar o itinerário da concepção e realização das obras que, no seu conjunto valem uma literatura, é tarefa a que muitos se tem abalancado e que a muitos tem vencido. Henrx Troyat foi dos poucos de quem se pode dizer que saiu a salvo da provação. A sua «Vida de Dostoevski», finalmente publicada em português, é a melhor introdução que se poderia desejar à obra do grande romancista russo; é, igualmente, para aqueles que já a conhecem, a chave que permite assimilar completamente um testemunho que não se entrega à primeira tentativa do leitor.

Quanto à fidelidade da biografia, limitemo-nos a transcrever aqui o que Henry Troyat diz no prefácio: «Não me permiti a mínima inexactidão literária. Ver-me-ia embaraçado para ornamentar de invenções fáceis uma realidade tão terível, tão bela, tão generosa... (Estúdios Cor, 471 p., 50\$00).

Um romance

de José Rodrigues Migueis

Acaba de saído prelo um novo livro do grande escritor José Rodrigues Migueis: o romance *Uma aventura Inquietante* que os editores anunciam como uma história de amor, uma sátira de costumes... e um romance policial. Vai por certo interessar muito todos os admiradores deste grande escritor.

Vendem-se

Móveis e mais miudezas, na Rua Dr. Miguel Bombarda, 49 — Tavira.

PAPELARIA IDEAL

TELEFONE 131

Rua 5 de Outubro, 17 — TAVIRA

Artigos de papelaria, de escritório, de desenho e escolares

Livros de ensino primário e do 1.º, 2.º e 3.º ciclo liceal e técnico

Últimas novidades literárias

Revistas nacionais e estrangeiras

Postais ilustrados e com a vista geral e parcial da cidade.

Jogos e construções

Impressos da Imprensa Nacional

O Pescador que quis ser Monge e foi Santo

POR ANTERO NOBRE

(o que pouco provável) em cumprimento da sua velha promessa, tenha sido a *Contraria de S. Gonçalo* ou qualquer pároco de Santa Maria mais devoto do Bemaventurado, que era honra e glória da sua paróquia, tudo é igual. O que de mais significativo, ou mesmo transcendente, há no facto é, sem dúvida, principalmente isto: o menino, que quinhentos anos antes brincava na Ribeira, entre os barcos abicados nas areias douradas da praia; o pequeno taumaturgo e protector dos pobres, que multiplicava os atuns nas dornas dos salgadores; o pescador humilde das almadravas, que ali formara um alto ideal de pureza, — subia agora aos altares, na Igreja da sua paróquia natal, como medianeiro ente os pescadores lacobrigenses e Deus, passando a receber, em todo o esplendor da liturgia, o culto dos descendentes dos seus antigos companheiros de labuta pelo pão de cada dia!

XIII

Esquecido e Relembrado

Entretanto, porém, tinham-se verificado as invasões francesas no nosso País, com os sacrilégos assaltos da soldadesca faminta e desbragada aos templos e casas religiosas, com os ímpios roubos de alfaias, vasos sagrados e outros objectos de culto, e com todo esse longo cortejo de perturbações fatais, que provocaram tantos distúrbios na tradicional vida do povo português; e, sobretudo, o «virus da impiedade, que os soldados napoleónicos haviam trazido na bagagem», acelerara muito o movimento anti-religioso, que viera a processar-se, mais ou menos disfarçadamente, desde os tempos do Marquês de Pombal. Este movimento já antingira mesmo, então, alguns dos seus momentos mais altos e expressivos: quando, por exemplo, o célebre *mata-frades* Joaquim António de

Aguiar (ou o próprio D. Pedro IV...), em 1830, decretara a extinção «para todo o sempre em Portugal e seus domínios, dos conventos, mosteiros, colégios, hospícios e quaisquer outras casas religiosas»; quando, em 1862, fora proibido «o funcionamento das comunidades e congregações religiosas»; e quando, aí por 1885, se iniciara a actividade consciente ou inconscientemente ímpia do famoso *Grupo dos Cinco*. E começava agora aquela sua intensificação e alargamento, em manifestações cada vez mais claras, extensas e decisivas, atingiria outro alto momento com a fundação, em 1904, da Confederação dos Livre-Pensadores Portugueses, e culminaria, finalmente, nas perseguições inqualificáveis, nas violências barbarescas e nas atrocidades sem nome, que caracterizaram os primeiros anos do regime republicano.

O culto de *S. Gonçalo de Lagos*, como não podia deixar de ser, iria sofrer também as consequências funestas do progresso de tal movimento, tanto mais que, com a extinção da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho e o encerramento das suas Casas, haviam desaparecido os principais centros e os mais zelosos guardiões desse culto; a suspensão das festas anuais em honra do Santo Padroeiro de Lagos e Torres Vedras, promovidas e custeadas pelas respectivas Câmaras, já teria sido, talvez e de certo modo, uma consequência dos progressos da impiedade, que a Maçonaria alimentava então, hábilmente, em todo o País, como possível e igualmente o teria sido a falta à promessa de auxílios locais para a reconstrução de Santa Maria de Lagos e a falta de verba para a consagração da velha Igreja da Graça ao culto de *S. Gonçalo*.

Com efeito, sobretudo depois de 1910, as perseguições de toda a ordem ao clero e aos fiéis que se atreviam a dar testemunho da sua fé, os vexames que aos zeladores das Igrejas

Continua

Mosaicos Leão

Indústria Tavirense

Fabricação garantida com excelente matéria prima. Executam-se em todas as cores e modelos. Os mosaicos preferidos pelos construtores pela sua qualidade e duração.

Fabricação de mosaicos de marmorite, pedras para balcão, lavaloças, tubos em cimento, etc. — PREÇOS SEM COMPETENCIA

Dirigir pedidos directamente à

Fábrica de Mosaicos Leão

Rua da Porta Nova, 7 — Telefone 110 — TAVIRA

Preferir os MOSAICOS LEÃO é contribuir para o progresso de TAVIRA



Tosse, Choro e Cinzas!

PODE-SE afirmar que a laboriosa população do Barreiro vive sob um estado de tormenta em consequência da máquina fabril de grande estilo e valor que se orgulha possuir. Dia a dia Ela é mais volumosa, é mais benemérita, é mais social, e, também é mais fonte de sofrimentos.

Da sua importante acção o Barreiro tem alta preponderância no conceito industrial do País. Milhares são os indivíduos que vivem do seu labor, que, não se circunscreve apenas à exploração dos seus produtos para único exclusivo de abarrotar seus cofres fortes. Não! Essas milhentas manifestações carriladoras de maquinismos que são as muitíssimas secções de produção, dispersam em benemerência arte, desportos e recreio, bastos capitais. O operariado sente-se cênscio e orgulhoso de perfazer as veias que dão vida a tão grande empório fabril.

A música de que nós fomos em 1911 um componente fundador, difunde como escola acolhedora e instrutiva pelos que a abraçam, o melhor do seu valor artístico; os desportos, na senda do progresso actual, tem a sua escala de valores que se impõem com autoridade; o recreio, é já modalidade desde início, o que muito reconforta os espíritos dos seus dedicados obreiros.

Sem dúvida alguma que esse grande poder do Trabalho Nacional é orgulho do Barreiro que muito o preza. Desejá-lo cada vez mais próspero é garantir o pão de quase toda a população barreirense. Nada de intensões derrotistas portanto; nada de complicações que originem malquerenças. Tudo pelo bom caminho e pela melhor compreensão, tanto mais que a sua acção benfazeja é muito de louvar.

Mas, tudo ao cimo da terra está sujeito a reparos! Como assim, entre essa colossal Empresa e o viver da população, um há que requer atenção especial.

Não é ele novo; não é de ontem nem de hoje; já se arrasta há muito. É porque cada vez se torna mais impertinente, o desassoço e mau estar é geral, aflitivo mesmo.

Porque não se conjugar os meios suasórios para remediar tal óbice? Quanto seria de agradecer a Deus que fizesse o milagre de dar ao viver da população do Barreiro aquela sã atmosfera e aquela vivificadora respiração com que a Natureza alimenta o ser vivente!

Mas é aos homens que compete remediar os seus próprios males. Porque não remediá-los, pois? Porque não fazer diminuir, em vez de aumentar, esses efeitos que tanto molestem?

O muito sofrer obriga qualquer mortal a lastimar-se, ao menos.

Por isso eu venho a esta tribuna, não reclamar, mas de certo modo rogar a quem o possa atender, os bons ofícios no sentido de que seja debelado esse atropelo às leis da Natureza que tanto sofrimento causa.

Em abono da justiça há que dizer-se que não é um sofrimento premeditado onde a maldade ande ao serviço de ruins fígados. Não! Esse sofrimento é o reflexo do bem económico dos próprios sofrendores, é o pão de muitíssimos operários, é o remédio e a assistência, é o progresso, é o Mundo a caminhar para um novo Mundo. Todos sabem que é assim mesmo! E por o saberem, suportam sem rancores nem ódios, mas sim resignadamente, todo esse mal estar.

Mas entremos no pormenor do nosso próprio sofrimento. É bem certo que não serão os meus que façam alterar o que está. Não tenho poder para impor a modificação que se impõe ao sistema presente.

— POR —
Pedro de Freitas

Festas do Carnaval em Loulé

nos dias 8 a 10 de Fevereiro de 1959

A C. P. vende para a Vila de Loulé, em ligação com a camionagem, bilhetes especiais de ida e volta a preços reduzidos, das estações e apeadeiros com venda de bilhetes desde S. Marcos e desde Lagos até Vila Real de Santo António — Guadiana.

Os bilhetes vendem-se nos dias 8 a 10 de Fevereiro e são válidos para o dia em que forem vendidos, a ida, desde as 6 horas, e para regresso até às 22,30 horas.

Serviço de camionagem assegurado entre a estação e a Vila a todas as circulações ferroviárias.

Os cartazes anunciadores deste serviço especial podem ser consultados nas estações.

Mas, como também é legítimo dar satisfação à nossa própria consciência, desafogar, como habitante do Barreiro, eis ao que me proponho.

Há quarenta e oito anos que residio próximo do edifício da Câmara Municipal.

Até há poucos anos a difícil respiração — esse pesado ar asfixiante — obedecia só a certas zonas. Agora — como um dique que se rompeu e alastrou seus malefícios — o mal é por todos os lados. Já ninguém dele se pode livrar! Há dois meses, quase interuptamente, que os meus bronquios — sempre são, felizmente — se resentem; que tussos amiudadas vezes e choro sem querer.

A via pública aparece coberta de carregadas nuvens a deixarem cair certas impurezas que me picam os olhos, a garganta, e que me fazem abrir a boca como sufocado.

No meu quintal, as flores, a salsa e a hortelã, não têm licença de medrar e dar-me o prazer do recreio como atributo civilizador e espiritual que é dado a todo o indivíduo que mora fora do Barreiro. As minhas pobres árvores, o enlevo da minha velhice nas horas de gosar as suas graças e os seus frutos — dois marmeleiros que davam gamboas belíssimas e uma pereira de saborosas peras pérolas —, cobertas por camadas de cinzas diabólicas, quase diariamente, sucumbiram, «gritando» desapiedadamente contra essa maldade.

As roupas que se estendem ao sol enchem-se de um azulado que queima e de uma fuligem que suja.

E, como pelas frinças das portas e das janelas esse veneno atmosférico se espalha por todas as divisões da minha casa a danificar-me os móveis, o malvado não me deixa de apoquentar mesmo deitado — respiro-o todas as noites! É uma espécie de enxôfre que me atormenta a alma e me tira a liberdade de poder viver em paz e sossego.

É uma cruz demasiadamente pesada, sem dúvida. Todavia, sobremodo carregado com ela, não ousa reivindicar quaisquer indemnizações por tantos sofrimentos e prejuízos. O que desejaria, o que muito me consolaria o poder continuar a viver, sem as mortificações apontadas, neste Barreiro que desde criança abracei como terra-mãe que me tem dado o pão da vida, era sómente verificar, que, esta minha humilde voz, junta a tantas outras, fora ouvida por quem a pode ouvir.

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

GAZETILHA

«A Farsa Carnavalesca»

Domingo Gordo, em Tavira, O pagode até delira Ao pensar na mascarada; Nessa farsa colossal, Pró dia de Carnaval Já de há muito anunciada.

Será um cortejo histórico Em que um rei momo pletórico Clamará paz e concórdia... Enquanto um tragalhadança Mostrará, nessas folgas, Obras da misericórdia...

Até a Nau Catrineta, Para não fazer gazeta, Irá também no cortejo. E o Capitão-General Em dia de Carnaval Dar um ar do seu gracejo.

Ao Centro, os milicianos Dirão, como noutros anos: Adeus que me vou embora, Para que o amor não esqueça Encosta a tua cabeça Aqui no meu ombro... e chora.

A fechar vão os peões, Seguidos dos matulões E de muitas criaturas, E atrás, em carros pesados, Vão os heróis proclamados Com as suas armaduras...

O meu compadre Clemente, Que é pessoa indiferente, Disse: eu é que não me arrisco, Para evitar os maus modos Apresentarei a todos As armas de S. Francisco!

Zé da Rua

Associação de Socorros Mútuos

protectora dos artistas de Faro

Corpos Sociais para 1959: Assembleia Geral — Presidente, Eduardo Horácio Martins Sermelho. Vice-Presidente, José Gonçalves Pinto. 1.º Secretário, José Marcolino da Torre. 2.º Secretário, Jaime Custódio Passos. 1.º Vice-Secretário, António dos Santos. 2.º Vice-Secretário, Armando Xavier de Lima.

Direcção — Efectivos — Presidente, Eng.º Francisco Dias da Costa. Vice-Presidente, João Maria Vieira de Assis Pacheco. Secretário, Francisco Cabeleira. Tesoureiro, José Inácio Gueiro Pereira. Vogais, Cândido Correia de Jesus Junior, José Joaquim Brien Oliveira e Orlando da Encarnação Sequeira Rita. Substitutos — Dr. Carlos da Costa Picotito, António Cândido Rosado, Justino Sebastião Santos Godinho, António José Ventura Leiria, Arnaldo Pedro Francisco, Brancolino Santos Marum e José da Encarnação Gralho.

Comissão Fiscal — Efectivos — Presidente, José Marciano Nobre. Secretário, Duarte do Nascimento Infante. Relator, Francisco da Silva Machado. Substitutos — Emílio Victório Santos, Jorge Madeira Santos e Justino Alexandre de Almeida Reis.

Comissão Administrativa do «Fundo Auxíllar» — Presidente, Dr. António Miguel Galvão. Secretário, Alvaro António Guerreiro Rebeca. Tesoureiro, José Inácio Gueiro Pereira. Vogais, Jaime Custódio Passos e José Marcolino da Torre.

Grémio da Lavoura de Tavira

Monda Química Aceitam-se desde já inscrições para a monda química. Para que esta se possa realizar nas melhores condições de eficiência convém que o trigo e cevada a tratar não tenham mais de 30 centímetros de altura.

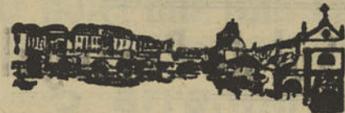
I Concurso Luso Espanhol de Gado Para estudo da representação portuguesa neste Concurso, é indispensável saber-se quais os lavradores interessados em fazer-se representar. Se na área deste Grémio houver lavradores interessados, devem dirigir-se aos nossos escritórios, em todos os dias úteis, dentro das horas de expediente, até ao dia 25 do corrente, para inscrição dos seus nomes e espécies e raças de gado com que pretendam concorrer. As espécies que interessam são equino, ovina e suína.

Tavira, 5 de Fevereiro de 1959

A Direcção

Vende-se

Propriedade sita no Fojo com muito arvoredo. Informa António do Nascimento Real — Rua Dr. Miguel Bombarda n.º 23 — Tavira.



Pela Cidade

Misericórdia de Tavira — Serviços clínicos durante o mês de Fevereiro;

Enfermarias: Drs. Carlos Palma e Gonçalo Pessanha. Consulta externa: De 1 a 15, Dr. Carlos Palma, às 8 horas; Dr. Gonçalo Pessanha, às 17 horas.

Cirurgia Geral: Consulta em 14 e 28 pelos Drs. Fausto Cansado e Renato Graça, às 16 horas.

Profilaxia mental: Consulta em 28 pelo Dr. Manuel da Silva, às 14 horas.

Oftalmologia: Consulta em 8 pelo Dr. A. May Viana, às 9 horas.

No passado dia 31 de Janeiro foram operados os seguintes doentes: Maria Adelina Afonso, Maria dos Prazeres Romeira Cruz, Deolinda da Conceição, Maria Edite Godinho Carvalho e José Martins, todos do concelho de Tavira.

Teatro António Pinheiro

Tiveram ontem início os animados bailes com que a empresa desta casa de espectáculos todos os anos nos costuma brindar. Este ano são os bailes abrilhantados pela magnífica Orquestra Euterpe, com o apreciado vocalista Alvaro Primitivo.

Domingo, dia 8, é exibido o excelente filme *Quadrilha de Amor*, em vistavision e technicolor, com Bing Crosby e Donal O'Connor.

Segunda-feira, dia 9, um filme em cinemascopo e technicolor com Burt Lancaster, Gina Lollobrigida e Tony Curtis: *Trapézio*. A luta pela glória e pelo coração duma mulher.

Terça-feira, dia 10, a alucinante parada de Rock and Roll de que todo o mundo fala: *O Ritmo do Século*. O filme que fez correr rios de tinta e consagrou o novo ritmo, com Alan Freed, Bill Haley e Tony Martinez.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Montepio.

VENDE-SE

Uma casa com quintal anexo, na Rua José Joaquim Jara, n.º 54 — Tavira.

Trata-se na mesma residência.

Actividades

da Casa do Algarve

A Direcção da Casa do Algarve deliberou, na sua última reunião:

a) Aprovar o seguinte programa festivo do mês de Fevereiro: dias 7, 8, 9 e 10, bailes do Carnaval; dia 14, às 21,30 horas, «Noite Algarvia», com a colaboração de grupo de alunas de um curso infantil da «Singer», dirigido pela Ex.ª sr.ª D. Maria da Piedade Cabrita Ferreira, e em 21, à noite, «Baile da Pinhata»; b) Dar a sua concordância à redacção da legenda aprovada pela Comissão Cultural para a lousa que se projecta colocar sobre a sepultura do escritor Coelho de Carvalho, no cemitério de Ferragudo;

c) Solicitar a convocação da assembleia-geral ordinária, para 16 de Fevereiro, às 21,30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: apreciação e votação do relatório e contas da gerência de 1958; votação do orçamento para 1959 e proclamação de sócios beneméritos.

A Sociedade Orfeónica

comemora o seu XXVIII aniversário

A Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro comemora no próximo dia 14 do corrente, com um interessante sarau, o seu XXVIII aniversário.

Para encerramento da simpática festa haverá um grandioso baile.

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que Vitorino Mendes Inácio requereu licença para instalar uma destilaria de aguardente de figo e medronho, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de perigo de incêndio, cheiro e alteração das águas, situada na Várzea do Vinagre, freguesia de Santa Catarina da Fonte do Blepo, concelho de Tavira, distrito de Faro, confrontando ao norte com Caminho Público, ao sul, nascente e poente com Manuel Romão.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2.2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 2 de Fevereiro de 1959

O Engenheiro-Chefe da Circunscrição,

João António da Silva G. Martins

RELÓGIOS

E prejuízo total a aquisição de relógio que não seja de marca garantida!

As marcas Omega, Zenith, Longines, Breitling, Tissot, Cortebert, Aureus, Serignes, Amyria, Argus, Eska, Uvergines, Camy, Zinal, Record, Dosa, Lukel, Zoty, Hertig, Suly watey, White Star, Watex, Sorel, Lincoln, Ampy, Cauny, Larex, Mila, Technos, Lancil, Tagus, Heloisa e Olma

Encontram-se à venda na

Ourivesaria Mansinho TAVIRA

Esta casa toma inteira responsabilidade em qualquer relógio que venda das marcas acima referidas, garantindo que os seus preços não oferecem confronto com os de outra casa, em virtude das suas compras serem efectuadas em condições vantajosas